

Estela Sahm¹

Entre evocar e projetar: a configuração do tempo na narrativa proustiana

Resumo: O presente texto procura observar as relações possíveis entre a obra literária de Marcel Proust *Em busca do tempo perdido* e alguns conceitos caros a Henri Bergson, naquilo que concernem às questões do tempo, da memória e da percepção: de que forma podemos encontrar aproximações entre esta narrativa literária e o discurso filosófico de Bergson. Pretende, também, a partir de Paul Ricœur em *Tempo e narrativa*, examinar, na obra proustiana, os recursos da linguagem dita literária no que diz respeito a este tema. Trata, portanto, da confluência entre a abordagem filosófica e a teoria literária moderna, na sua articulação tempo/linguagem.

Palavras-chave: Bergson; memória; percepção; Proust; Ricœur; tempo.

Abstract: This paper intends to observe some relations between Marcel Proust's literary masterpiece *Remembrance of things past* and Henri Bergson's main philosophical ideas, concerning time, memory and perception, looking for the affinities we can find in both specific languages. It will examine/investigate, as well, some of the resources that fictional narrative disposes to suggest temporality, bringing some comments by Paul Ricœur in his book *Time and narrative*. It is specially devoted to the confluence of philosophical approach and modern literary theory, in their articulation concerning time and language.

Key-words: Bergson; memory; perception; Proust; Ricœur; time.

¹ Mestre em Filosofia, PUC-SP. E-mail para contato: esahm@hotmail.com.

Introdução

Revisitar *Em busca do tempo perdido* é sempre oportunidade para encontrar novas possibilidades de leitura de tão vasta e emblemática obra.

São inúmeras as entradas para a obra de Proust. Para além daquelas que se referem particularmente às abordagens de caráter filosófico, das quais ressaltamos, dentre outras, as afinidades entre o romance em questão e o pensamento de Henri Bergson, a leitura feita por Gilles Deleuze em *Proust e os signos* e os ensaios de Walter Benjamin sobre o autor e sua obra, há estudos das mais diversas naturezas: desde aqueles que se dedicam a analisar os manuscritos da grande obra, outros que reorganizam/recortam a obra segundo temas como o amor, o ciúme, os hábitos da aristocracia francesa da época, os tão bem desenhados perfis de suas personagens que suscitam abordagens de natureza psicanalítica ou ainda o estudo de Brassäi *Proust e a fotografia*. Enfim, este romance proustiano é material inesgotável para aproximações de toda ordem.

A obra consiste num extenso relato, enunciado na primeira pessoa do singular, exemplar do chamado romance moderno, no qual Marcel, o narrador, nos introduz à sua “heroica” aventura, em busca do tempo perdido. Ao longo da narrativa, acompanhamos a relação que o personagem vai estabelecendo com sua própria história, com o mundo que o cerca, mesclada ao que seria sua realidade interior, suas lembranças, sua imaginação, conjugadas a uma extensa série de reflexões e também a verdadeiros ensaios filosóficos, suscitados à medida que o romance se desenrola.

É sobretudo nos domínios da filosofia e da literatura, ou na interface destes dois territórios, que encontraremos nosso foco de interesse. Ambos se apresentam sob diferentes gêneros de discurso, mas guardam algumas afinidades importantes.

Os estudos de teoria literária, assim como certas abordagens filosóficas valorizam o conhecimento construído sob a forma das narrativas que compõem a nossa mais antiga tradição, desde os tempos em que não havia, ainda, a distinção entre a linguagem poética e o discurso filosófico. Esta cisão teria sua origem na recusa da imagem, vista como impedimento para o esforço de inteligibilidade a que se propôs a filosofia, sobretudo a partir de Platão.

Um dos aspectos mais importantes nesta vertente metafísica da filosofia, é a relação que este saber deixa de estabelecer com a temporalidade, com a mudança. E isto se deve ao fato de identificar, nestas condições, a impossibilidade de atingir aquilo que considera a essência imutável das coisas.

Ao tratarmos da obra proustiana, essas questões serão exploradas principalmente, a partir do pensamento de Henri Bergson, sobretudo no que concerne às questões da temporalidade e das valiosas observações de Paul Ricœur, em sua análise feita sobre o romance, em *Tempo e narrativa* (vol. 2).

Henri Bergson: sobre tempo (duração), memória e percepção

Nas últimas décadas do século XIX e início do século XX houve, sob influência do pensamento positivista, uma tendência a legitimar, sobretudo, o conhecimento construído à semelhança das ciências ditas exatas. Bergson (1859-1941) observou a insuficiência de tais métodos quando se trata de dar conta dos fenômenos que envolvem a natureza humana e, sobretudo, sua realidade interior. Isso porque, nesse caso, dificilmente se verificam fenômenos idênticos, mas apenas análogos ou semelhantes. Daí a dificuldade ou mesmo a impossibilidade de se formularem leis de funcionamento genéricas, apropriadas apenas para certos fenômenos da natureza.

Assim, o filósofo faz sua crítica ao que passou a chamar de 'inteligência': o pensamento analítico, de caráter pragmático, que tem por intenção a aplicação prática do conhecimento construído sob estes princípios científicos. Cria e se utiliza dos conceitos, tendendo a uma fixação do real, em grande medida forjada e ilusória, realizando simplificações redutoras que apenas justificam sua própria linha condutora.

Todavia, segundo Bergson, esses procedimentos, comuns ao pensamento e à prática científica, teriam sua razão de ser uma vez que

a função da ciência é prever: ela extrai e retém do mundo material o que é suscetível de se repetir e de ser calculado, conseqüentemente, o que não dura. E assim, ela não faz mais do que seguir a direção do senso comum, que já é um começo de ciência: quando falamos do tempo comumente, pensamos na medida da duração e não na duração propriamente.²

Para os domínios da filosofia, cujo propósito é de caráter reflexivo e especulativo, defendia ele que considerássemos o tempo sob o ponto de vista qualitativo, ou seja, o tempo que engendra mudança constante, ao contrário do tempo

² BERGSON, Henri. O pensamento e o movente – Introdução. In: *Bergson*. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1979, p. 102.

considerado homogêneo e por isso mensurável, apropriado para as finalidades do pensamento científico.

No que tange à realidade subjetiva, Bergson faz uma distinção entre o que chamou de um “eu superficial” e de um “eu profundo”: o primeiro estaria voltado à interação com o mundo exterior, onde opera sobretudo nossa inteligência, de caráter pragmático, visando à ação; o segundo diz respeito ao contato com nossa interioridade, com nossa própria consciência, terreno privilegiado para atentarmos ao movimento contínuo e ininterrupto que se constitui como nossa própria experiência na dimensão do tempo.

Outras ideias fundamentais do pensamento de Bergson dizem respeito à nossa percepção da realidade. Para o filósofo, só percebemos aquilo que, de alguma forma, já conhecemos. Como se perceber fosse reconhecer. A percepção pressupõe, portanto, um registro anterior que se relaciona, por analogia ou semelhança, com aquilo que é percebido. Este registro é a própria memória, que se presentifica à medida que nossa percepção a solicita e convoca. Como afirma o autor, “na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada”³.

Defendia, ainda, para o campo da filosofia, o uso de uma linguagem que não se pautasse pelos “conceitos”, mas que se aproximasse da mobilidade possível e desejável dos sentidos que podemos atribuir às palavras, no sentido de despertar nossas capacidades intuitivas para a compreensão de fatos e fenômenos cuja natureza escapa ao entendimento apenas ‘inteligente’. Operar sobre a realidade por meio de conceitos implicaria apreendê-la sob uma radical fixidez que não corresponde à sua natureza última, operando um distanciamento das qualidades heterogêneas que a constituem.

De acordo com Franklin Leopoldo e Silva,

o gênero conceitual é o que menos convém à filosofia, pois nele a consolidação dos significados se dá à custa do esquecimento da origem da designação, o ato metafórico no seu movimento de nomeação. Ocorre então a oposição entre a expressão cristalizada e o conteúdo fluente.⁴

A linguagem convencional e socialmente partilhada, ao nomear as coisas do mundo, tende a uma fixação ou imobilização do sentido das palavras. Podemos considerar que se trata de um procedimento feito em nome dos *hábitos* da linguagem,

³ Idem. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 30-31.

⁴ SILVA, Franklin Leopoldo e. *Bergson: intuição e discurso filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994, p. 26-27.

dados pelo senso comum. Ainda que sejam normas que possam ser transgredidas ou questionadas, elas cumprem seu papel. Afinal, compartilhar um idioma pressupõe uma certa garantia de comunicabilidade, e seu uso corrente deve assegurar esta possibilidade. O conceito (ainda que na sua origem se revele também uma metáfora) é um termo cifrado, que congela certo sentido para uma palavra, e imagina poder empregá-la quase como abreviação de uma ideia, ao longo do texto. Para além do sentido habitual conferido às palavras, encontram-se outras possibilidades, como afirmamos anteriormente, exploradas sobretudo pelo gênero literário.

Ao observarmos, logo adiante, algumas passagens do romance proustiano, teremos a oportunidade de encontrar uma semelhança entre o hábito, tal como o autor o identifica em sua narrativa, e o conceito, tal como foi considerado, em sua relação com o uso da linguagem. Ambas situações sugerem uma espécie de impedimento, de constrição às possibilidades que se oferecem, respectivamente, à expressão plena do sentido da existência e à expressão plena do sentido da palavra.

Tendo apontado as principais ideias de Bergson no que dizem respeito à percepção, memória e tempo/duração, assim como ao uso de uma linguagem que possa manter a mobilidade do sentido das palavras, a intenção da reflexão aqui desenvolvida é a de investigar, de maneira especulativa, algumas questões suscitadas por uma leitura talvez mais “desinteressada”, inspirada pela sua sugestão, ao observar a prática artística. Este autor verifica nessa prática uma espécie de “conversão da atenção”, que busca recuperar a importância de nossas capacidades perceptivas, e encontra aí subsídios para diferenciar a atividade especulativa do pensamento filosófico daquela que caracteriza o comportamento habitual de nossa inteligência.

Proust: em busca do tempo conjugado

Poderíamos dizer que a linguagem literária de Proust recria, à sua maneira, a temporalidade do “eu profundo” de que nos fala Bergson: pela representação do fluxo contínuo do pensamento, pela sucessão dos estados de consciência de Marcel, o narrador; tais estados se interpenetram, de forma quase ininterrupta, sugerindo a própria temporalidade a que estamos submetidos e que na verdade nos constitui.

E isso nos é apresentado não apenas porque Proust, por meio desse narrador, nos introduz a esse vasto conteúdo de memórias, de impressões, de percepções apuradíssimas, mas, sobretudo pela forma como o faz, articulando a linguagem de modo a nos sugerir a ideia de fluxo ininterrupto, com as intermináveis frases que constrói, as quais nos fazem, por vezes, perder o fôlego (curiosamente ele, que era

asmático), e que vão se encadeando quase sem pausa, em uma conjugação única de forma e conteúdo.

A literatura se constitui como um território de expressão do pensamento mais livre das amarras que normalmente conduzem os textos de vocação teórica. Seu compromisso maior é com sua própria feitura, com a escolha adequada das palavras, reinventando seus possíveis significados. É um trabalho que se opera a partir dos recursos oferecidos pela linguagem escrita, para além do uso habitual que lhe é dado. E justamente por esta razão, ao nos depararmos com esta dimensão que as palavras normalmente ocultam, adquirimos uma espécie de compreensão intuitiva do texto, a partir da evocação de nossa própria experiência de vida que o autor nos convida a partilhar. E é neste registro, que vai muito além da capacidade de nossa inteligência, que se constitui o enorme legado de conhecimento e sabedoria que ela (literatura) pode nos oferecer.⁵

Dois aspectos, em particular, despertam a atenção, no que diz respeito à construção do romance proustiano: um deles se refere à maneira como são conjugados os diversos tempos verbais e o outro à forma como são introduzidas as inúmeras metáforas que percorrem praticamente todo o relato. Ambos aspectos contribuem, conjuntamente, para sugerir o movimento constante que oscila entre a percepção, a imaginação e a memória, no fluxo de pensamento mimetizado em sua narrativa ficcional. A articulação entre passado, presente e futuro, particularmente quando observada do ponto de vista da construção da frase, unidade mínima da composição narrativa, faz-nos acompanhar e coincidir com este fluxo de consciência⁶.

Graças à engenhosa ordenação dos tempos verbais, sobretudo do indicativo, acompanhamos sua ‘viagem’ pelo tempo: das infindáveis rememorações feitas em um tempo impreciso e indeterminado (pretérito imperfeito), passando pelos acontecimentos narrados no pretérito perfeito, quando se sobressaem situações particulares; pelo presente, quando se detém a escrever verdadeiros ensaios em meio ao relato de Marcel, o narrador, sugerindo a voz do próprio autor Proust; e ainda, no futuro do pretérito (futuro anterior) quando, revelada sua vocação de escritor, Marcel antevê a realização do seu romance, supondo como o receberiam seus leitores, “leitores de si mesmos”.

⁵ SAHM, Estela. *Bergson e Proust: sobre a representação da passagem do tempo*. São Paulo: Iluminuras, 2011, p. 15.

⁶ No que toca à investigação sobre este tema, encontramos estudos dirigidos para as questões da temporalidade na narrativa ficcional e que apenas tangenciam os aspectos aqui apontados. Como exemplos citamos: GENETTE, Gérard. *Figures I: Proust palimpseste*. Paris: Éditions du Seuil, 1966; COHN, Dorrit Claire. *Transparent minds: narrative modes for presenting consciousness in fiction*. New Jersey: Princeton University Press, 1978; STEVENS, Bernard. *Le temps de la fiction*. *Revue Philosophique de Louvain*, Quatrième série, tome 84, n°61, 1986; GIRAULT, Stéphanie. *Recherche sur les marques aspectuelles et temporelles dans les organisations narratives*. Doctorat (thèse). Université de Caen, 2007.

E aqui, um exemplo da forma como as metáforas são introduzidas, ao longo do texto, quase sempre precedidas dos advérbios de modo que apontam para a semelhança das situações:

Os papéis que Françoise chamava de papeluchos estavam, de tanto ser colados uns aos outros, rasgados aqui e ali. Françoise poderia, se fosse necessário, ajudar-me a consertá-los, *do mesmo modo como* remendava seus vestidos, ou, esperando o vidraceiro *como* eu o tipógrafo, punha na janela da cozinha um pedaço de jornal no lugar de uma vidraça quebrada.⁷

“Do mesmo modo como”, “à semelhança de”, “como se fosse”, são expressões presentes ao longo da narrativa no momento em que uma imagem é evocada, transferida de outro lugar, por relações de semelhança ou analogia àquilo que o autor nos apresenta. Temos aqui uma indicação daquilo que Bergson nos apontou como sendo a nossa percepção impregnada de lembranças.

Ainda que o espaço compareça com grande importância e presença, a verdadeira “Odisseia” proustiana se apresenta, fundamentalmente, como uma viagem pelo tempo. Mesmo que de localização imprecisa, quase indeterminada – ou seja, impossível reproduzir um mapa que localizasse as inúmeras e variadas paisagens a que somos apresentados ao longo do romance –, o espaço proustiano é feito de uma sucessão de lugares, revelados em preciosos detalhes, mas de difícil conjugação no espaço.

A exemplo das grandes narrativas que compõem nossa tradição, Marcel, o grande herói, realiza seu longo percurso, identificado com a própria aventura da existência, numa viagem sobretudo interna; nossas mudanças mais importantes ocorrem em nossa própria subjetividade. E o “retorno a Ítaca” seria identificado com o reconhecimento de nossa identidade, ainda que transformada, ao final da longa jornada.

Observemos aqui uma das passagens de *Em busca do tempo perdido* onde o narrador faz alguns comentários sobre o hábito. Estes se apresentam na conjugação verbal do presente do indicativo e sugerem uma breve reflexão que não pertence ao tempo rememorado, no qual prevalece o imperfeito do indicativo.

Ora, as lembranças de amor não abrem exceção às leis gerais da memória, regidas também estas pelas leis mais gerais do hábito. Como o hábito enfraquece tudo, o que melhor nos recorda uma criatura é justamente o que havíamos esquecido (porque era insignificante e assim lhe havíamos deixado toda a sua força). Eis porque a maior parte

⁷ PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. São Paulo: Ed. Globo, 2004b, p. 281.

da nossa memória está fora de nós, numa viração de chuva, num cheiro de quarto fechado ou no cheiro de uma primeira labareda, em toda parte onde encontramos de nós mesmos o que a nossa inteligência desdenhara, por não lhe achar utilidade (...).⁸

Leis gerais da memória, leis mais gerais do hábito: essas comparecem em grande parte daquilo que se nos apresenta Marcel, na rememoração de seu suposto passado revisitado, sob a forma de uma narrativa quase contínua que emprega este tempo verbal impreciso, quase imobilizado, sugerindo uma repetição: “costumava deitar-me cedo”, “e assim ficava eu muitas vezes até de madrugada”, “ficávamos todos suspensos das notícias que minha avó iria trazer-nos do inimigo”.

O hábito comparece aqui, observado pelo narrador, como conteúdo de uma de suas reflexões e, portanto, no tempo verbal do presente do indicativo. Observamos também o hábito que é apenas sugerido, sob a forma do tempo verbal do pretérito imperfeito, empregado com frequência ao longo do romance e que se constitui, mais propriamente, como um recurso literário. Habilmente trabalhados, os tempos verbais se conjugam de tal forma ao longo da extensa narrativa proustiana, que tornam visíveis e compreensíveis os complexos movimentos de ir e vir, da lembrança à imaginação, do passado rememorado ao futuro antecipado e previsto da obra concluída.

O narrador aqui nos apresenta a diferença que vai estabelecer ao longo do romance entre a memória voluntária, conduzida pelo trabalho que se propõe a fazer nossa ‘inteligência’, e aquela que nos acomete pelos sentidos, involuntariamente, como “num cheiro de quarto fechado”.

É assim com nosso passado. Trabalho perdido procurar evocá-lo, todos os esforços de nossa inteligência permanecem inúteis. Está ele oculto, fora de seu domínio e de seu alcance, em algum objeto material (na sensação que nos daria esse objeto material) que nós nem suspeitamos. Esse objeto, só do acaso depende que o encontremos antes de morrer, ou que não o encontremos nunca.⁹

A sugestão de uma repetição, feita pelo autor, nas incontáveis situações nas quais o passado é rememorado, funcionaria como uma espécie de antessala que distribui para o interior de uma casa repleta de cômodos: a antessala representa a chegada, o momento de entrada que acolhe o visitante, ainda referido ao universo de contato com o mundo exterior, onde poderá deixar seu casaco e seu chapéu, para então adentrar a intimidade do estabelecimento, e escolher, entre as inúmeras

⁸ Idem. *À sombra das raparigas em flor*. São Paulo: Ed. Globo, 1999, p. 196.

⁹ Idem. *No caminho de Swann*. São Paulo: Ed. Globo, 2004a, p. 48.

entradas possíveis, aquela que o levará às suas observações mais precisas, seus devaneios ou a uma digressão sobre um tema suscitado. Aqui, novamente, sugere-se a presença, primeiramente, de um “eu superficial” que, aos poucos, se funde na subjetividade do “eu profundo”.

Mas em geral, não ficávamos em casa e saíamos a passeio. Às vezes a Sra. Swann, antes de se preparar para sair, sentava-se ao piano. Das mangas cor-de-rosa, ou brancas, ou de cores muito vivas, de seu penhoar de crepe da China, surgiam as suas lindas mãos e alongavam as falanges sobre o teclado com a mesma melancolia que estava em seus olhos e não estava em seu coração. Foi num desses dias que lhe aconteceu tocar-me a parte da Sonata de Vinteuil onde se encontra a pequena frase que Swann tanto havia amado.¹⁰

Do pretérito imperfeito caracterizando o costume da Sra. Swann de sentar-se ao piano, destaca-se aquela única vez quando lhe aconteceu tocar uma certa passagem da Sonata de Vinteuil conjugada, então, no pretérito perfeito simples, perfeito no sentido de preciso/determinado, ou seja, apenas em “um desses dias”. Também se observa que a parte da Sonata que é tocada é “onde se encontra a pequena frase”, como que a indicar que o trecho da música está ali, numa eterna atualidade do fato, para além do momento preciso em que foi executada ao piano.

Na continuação desse trecho, deparamo-nos com uma breve reflexão de caráter ensaístico, que nasce da observação do acontecimento, desta vez no presente do indicativo, como a sugerir que o narrador abrisse espaço para o autor na afirmação de um fato que se dá fora do tempo da narração.

Mas muitas vezes não se entende nada, quando é uma música um pouco complicada que ouvimos pela primeira vez. E no entanto, quando mais tarde me tocaram duas ou três vezes aquela mesma Sonata, aconteceu-me conhecê-la perfeitamente. (...) Provavelmente o que falta na primeira vez não é a compreensão, mas a memória. Pois a nossa, relativamente à complexidade de impressões com que tem de se haver enquanto escutamos, é ínfima.¹¹

Sobre alguns comentários de Paul Ricœur

O tempo redescoberto, último volume de *Em busca do tempo perdido* teria sido escrito no mesmo período em que Proust escrevia o primeiro volume, *No caminho de Swann*. Poderíamos supor que estas seriam as vigas mestras da grande obra,

¹⁰ Idem. Op. cit., 1999, p. 94-95.

¹¹ Ibidem, p. 95.

posteriormente preenchida por mais cinco volumes, se limitássemos seu conteúdo apenas à descoberta da vocação literária de Marcel.

Esta é apenas uma das hipóteses de leitura do romance, qual seja: o episódio da memória involuntária, marcado pelo gosto da *madeleine*, no primeiro volume, e pela cena do tropeço num calçamento irregular, ou do ruído da colher no prato, durante a recepção da princesa de Guermantes, no último volume, são situações que inexplicavelmente fazem aflorar sensações de uma felicidade antes experimentada (cuja compreensão é adiada por muitas páginas), é um dos eixos principais da leitura do conjunto da obra. Mas há também o longo aprendizado dos signos, que levam Marcel ao conhecimento da verdade que lhe subjaz. De acordo com Paul Ricœur:

A marca singular de *Em busca do tempo perdido* se deve ao fato de que o aprendizado dos signos, assim como a irrupção das memórias involuntárias, representam a forma de um interminável devaneio, mais propriamente interrompido do que consumado, pela súbita iluminação que retrospectivamente transforma toda a narrativa na história invisível de uma vocação.¹²

Vamos, então, nos deter na “recuperação” deste tempo que será dada pela realização da obra literária, no plano extra temporal da criação de arte. E o “tempo redescoberto” seria o volume mais claramente dedicado às questões que envolvem as antecipações que vislumbra o narrador de sua obra realizada:

Mas, para voltar a mim, pensava mais modestamente em meu livro, e seria inexato dizer que me preocupavam os que o leriam, os meus leitores. Porque, como já demonstrei, não seriam meus leitores, mas leitores de si mesmos, não passando de uma espécie de lente de aumento, como os que oferecia a um freguês o dono da loja de instrumentos ópticos em Combray, o livro graças ao qual eu lhes forneceria meios de se lerem. (...) Mudando de comparações à medida que melhor, mais concretamente, antevia a tarefa em que me empenharia, pensei que, sentado à grande mesa de pinho, eu escreveria minha obra sob o olhar de Françoise.¹³

Do passado imperfeito trazido pela memória voluntária, nas lembranças de um passado remoto, cujas experiências pareciam se repetir, fruto de seus hábitos, passando por outros tempos, como o da enunciação de seus ensaios no tempo (então) presente da escrita, encontramos aqui com o tempo imaginado e antevisto de um futuro desejado, que daria sentido ao tempo vivido, transformado em criação literária.

¹² RICŒUR, Paul. *Time and narrative*, vol. 2. Chicago: The University of Chicago Press, 1985, p. 131-132, tradução nossa.

¹³ PROUST, M. Op. cit., 2004b, p. 279-280.

A órbita de *Em busca do tempo perdido* deve ser representada na forma de uma elipse, sendo um foco a busca e o outro a visitação. A fábula sobre o tempo é então a fábula que cria a relação entre estes dois focos do romance. A originalidade de *Em busca do tempo perdido* reside em ter ocultado/dissimulado ambos, problema e solução, até o fim da trajetória do herói, deixando, desta forma, para uma segunda leitura a inteligibilidade da obra como um todo.¹⁴

Este futuro antecipado é o que nos traz a compreensão da forma elíptica do romance, pois a partir da antevisão da realização da grande obra, somos devolvidos ao início de *Em busca do tempo perdido*, quando nos damos conta de que o momento em que o narrador/herói vai empreender sua “tarefa” é justamente o momento no qual Proust teria concluído a sua.

‘A fábula sobre o tempo’, como nos aponta Ricœur, nos dá a medida da magnitude da obra proustiana, cuja narrativa tem a propriedade de nos apresentar diferentes camadas do tempo, a saber, aquela na qual estamos mergulhados ao longo da leitura da obra, onde a articulação dos tempos verbais nos faz acompanhar o suposto fluxo de consciência e aquela que percebemos no movimento elíptico que nos devolve a uma segunda apreciação, quando nos damos conta da distância que separa o narrador do autor que são e não são o mesmo.

Vejamos aqui a observação oportuna de um dos comentadores da obra de Paul Ricœur, a partir da leitura de seu texto sobre a obra proustiana:

A recuperação do tempo perdido ainda é um projeto para o futuro: nas últimas poucas páginas percebemos que a narrativa que estivemos lendo não é ainda o livro que Marcel pretende escrever, e o qual ele, de fato, experimentalmente sugere, seria uma transcrição bem mais precisa do tempo e da realidade. E assim, somos obrigados a voltar ao início do livro para lê-lo novamente sob a luz daquele novo futuro e daquele outro livro não existente — a inexistente solução das aporias do tempo. Mas quando o lemos novamente, percebemos que ele às vezes assume uma estranha semelhança com o breve ensaio de sua obra futura: esta obra é e não é o livro que acabamos de ler.¹⁵

A diferença aqui apontada entre o romance de Proust e aquele que será escrito por Marcel, no sentido de simultaneamente serem e não serem o mesmo, de manterem uma “estranha semelhança”, reitera este aspecto marcante da obra, e que diz respeito à maneira como o autor contempla a questão das diferenças contidas no mesmo, condição por excelência da temporalidade que nos constitui.

¹⁴ RICŒUR, P. Op. cit., p. 132, tradução nossa.

¹⁵ GOLDTHORPE, Rhiannon. Ricœur, Proust and the aporias of time. In: WOOD, David (ed.). *On Paul Ricœur: narrative and interpretation*. London: Routledge, 1991, p. 99, tradução nossa.

Colecionaria os romances por causa das encadernações antigas, as do tempo em que li os primeiros romances (...). Como o vestido com o qual vemos pela primeira vez uma mulher, elas me restituíam o amor então sentido, a beleza sobre a qual se haviam superposto tantas imagens, cada vez menos amadas, permitindo-me assim rever a inicial, *a mim que já não sou quem a viu e devo ceder o lugar ao eu de então, a fim de que ele chame o que conheceu e meu eu atual já não conhece.*¹⁶

Observemos, ainda, como o autor constrói a identidade de seus personagens, que se apresentam também, ao longo da narrativa, em constante diferença de si mesmos. Vale lembrar, neste sentido, a cena que antecede o final do romance, por ocasião da recepção na casa da princesa de Guermantes, quando Marcel aos poucos reconhece cada um deles, “uma jovem que eu conhecera antes, agora de cabelos brancos [...] Mas seu irmão continuava tão apumado, tão igual a si mesmo que espantava ver-lhe, na fisionomia moça, tingidos de branco os retorcidos bigodes”¹⁷.

Os companheiros de Martinville observados a partir de diferentes pontos de vista, sempre mutáveis, a aproximação do narrador junto ao rosto de Albertine, para beijá-la, revelando novas perspectivas desta mesma face, enfim, é recorrente a intenção de fazer conviver o mesmo e suas diferenças intrínsecas.

(...) não vejo senão isto que possa, tanto como o beijo, fazer surgir do que julgávamos uma coisa de aspecto definido, as cem outras coisas que ela igualmente é, pois cada uma delas refere-se a uma perspectiva não menos legítima.¹⁸

Duas condições que se justapõem: uma que se refere às mudanças fabricadas pelo tempo, observadas pelo narrador na figura de algumas personagens que reencontra, e outra que diz respeito às diferentes perspectivas que nos são dadas pela percepção, pelos sucessivos e diferentes pontos de vista, ao contemplarmos “as cem outras coisas que ela (a coisa) igualmente é”.

Juntos, o livro que acabamos de ler e o livro que Marcel ainda não escreveu sustentam-se como os dois termos de uma metáfora, ao mesmo tempo momentâneos e constantes, mantidos em tensão, assim como Ricœur sugere que metáforas fazem, o ‘é’ e o ‘não é’, ou, acrescentando, o passado e o futuro, o conhecido e o desconhecido. Os dois livros talvez também permaneçam como uma metáfora não para a identidade, ainda que instável, mas para o intervalo na consciência que nunca pode ser encerrado em autoco incidência ou em autoconhecimento, uma vez que a consciência, por conta de sua existência no tempo, e por

¹⁶ PROUST, M. Op. cit., 2004b, p. 165.

¹⁷ Ibidem, p. 196.

¹⁸ PROUST, Marcel. *O caminho de Guermantes*. São Paulo: Ed. Globo, 2007, p. 231.

conta de seus esforços em saber ou em reconhecer-se a si mesma, é o que não é e não é aquilo que é, está sempre adiante de si mesma, mesmo quando almeja recuperar o passado. Finalmente, apesar de suas intuições de eternidade, o livro provisório de Marcel — aquele que terminamos de ler ao final de *Em busca do tempo perdido* — este livro e seu silêncio final sugerem que as aporias do tempo devam estar mesmo além da configuração. E é este “estar além” que o ato da leitura deve sempre refigurar.¹⁹

Breve conclusão

Consideramos, em nosso estudo, a possibilidade de confrontar as questões que envolvem a temporalidade em discursos de natureza diversa, a saber, a narrativa literária e o discurso filosófico. E isto se deu, particularmente aqui, pela leitura que pretendeu apontar, na obra proustiana, os recursos que sua narrativa dispõe para dar conta de representar a passagem do tempo.

Na figura de um narrador que nos fala a partir de sua experiência subjetiva, de sua interioridade, temos a oportunidade de acompanhar os diversos movimentos de sua consciência, que se alterna em perceber, lembrar e imaginar quase que simultaneamente, no esforço extremo de organizá-los sob a forma de um texto contínuo. Recursos explorados ao limite, que nos mergulham neste fluxo contínuo a que estamos submetidos em nossa existência no tempo.

Aquilo que Bergson aponta em seu pensamento teórico e reflexivo sobre a duração, a memória e a percepção, Proust realiza, em sua obra maior, a demonstrar o que pode a literatura em termos de produção de conhecimento, por meio de uma escrita que convida o leitor a coincidir com a experiência daquele que escreve, sem a mediação de um discurso analítico.

Somos, como diz Proust, “leitores de nós mesmos, não passando de uma espécie de vidro de aumento, como os que oferecia a um freguês o dono da loja de instrumentos óticos em Combray, o livro graças ao qual eu lhes forneceria meios de se lerem”²⁰.

¹⁹ GOLDTHORPE, R. Op. cit., p. 100, tradução nossa.

²⁰ Ver nota 12.

Bibliografia

PROUST, Marcel.

No caminho de Swann: Em busca do tempo perdido. Trad. M. Quintana. São Paulo: Ed. Globo, 2004a.

À sombra das raparigas em flor: Em busca do tempo perdido. Trad. M. Quintana. São Paulo: Ed. Globo, 1999.

O caminho de Guermantes: Em busca do tempo perdido. Trad. M. Quintana. São Paulo: Ed. Globo, 2007.

O tempo redescoberto: Em busca do tempo perdido. Trad. L. M. Pereira. São Paulo: Ed. Globo, 2004b.

BERGSON, Henri. O pensamento e o movente – Introdução. In: *Bergson*. Trad. F. L. e Silva e N. Caxeiro. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1979.

_____. *Matéria e memória*. Trad. P. Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GOLDTHORPE, Rhiannon. Ricœur, Proust and the aporias of time. In: WOOD, David (ed.). *On Paul Ricœur: narrative and interpretation*. London: Routledge, 1991.

SILVA, Franklin Leopoldo e. *Bergson: intuição e discurso filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994.

RICŒUR, Paul. *Time and narrative*, vol. 2. Vers. (fr.-ing.) K. MacLaughlin e D. Pellauer. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.

SAHM, Estela. *Bergson e Proust: sobre a representação da passagem do tempo*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2011.

Recebido em 28.12.2018.

Aceito para publicação em 31.05.2018

© 2018 Estela Sahn. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).